



Projeto Político Pedagógico

Identificação e funcionamento

O Centro de Educação Infantil Espaço Aberto, encontra-se situado à Rua Joe Collaço, nº 688, no bairro Santa Mônica, pertencente ao Município de Florianópolis, que possui população de aproximadamente 490 mil habitantes.

A população residente neste bairro apresenta um nível socioeconômico relativo à classe média.

O Centro de Educação Infantil Espaço Aberto, destina-se a atender a crianças com idades de 0 a 6 anos, distribuídas em turmas de Berçário, Maternal 1, Maternal 2, Jardim 1, Jardim 2 e Jardim 3, nos períodos vespertino e integral.

O horário destinado ao atendimento destas crianças será das 07h30 às 19 horas.

No período matutino são realizadas atividades sob forma de recreação, já que as crianças que o frequentam são de turno integral. No período vespertino são realizadas as atividades de cunho pedagógico.

O período letivo de funcionamento deste Centro de Educação Infantil irá do início do mês de março ao início do mês de dezembro.

O mês de janeiro será reservado para férias coletivas de crianças, professores e funcionários. Durante os meses de fevereiro e julho, serão promovidas atividades recreativas para as crianças na forma de Colônia de Férias, mas com funcionamento normal.

O calendário escolar é elaborado anualmente, em conjunto com a coordenação da escola, e fixa início e término de semestres e ano letivo, período de matrículas, datas de reuniões, festividades, comemorações, período de férias.

Justificativa

O Projeto Político Pedagógico do Centro de Educação Infantil Espaço Aberto, foi criado a partir das exigências da Resolução no. 003/2009 do Conselho Municipal de Educação de Florianópolis, mas também com a necessidade de inovar e nortear melhor nossas ações pedagógicas e didáticas a partir dos parâmetros nacionais de qualidade.

Nossa proposta é de uma educação democrática, num sentido amplo e criativo, observando as áreas do desenvolvimento infantil e suas principais características, bem como a construção da cidadania.

Resultado de uma construção coletiva na busca de caminhos para colocar em prática nossas ideias pedagógicas.

Este documento tem como finalidade explicar a proposta pedagógica da escola, onde estão presentes seus objetivos e desejos de uma educação com mais qualidade, a função social da escola a partir da sua linha filosófica e pedagógica, contando com o envolvimento de educadores, funcionários, famílias, alunos e comunidade.

Princípios filosóficos, metodológicos e biopsicossociais

Compreendendo a criança como um ser histórico, inserida num contexto social e que, é a partir das relações que estabelece com o outro e com o meio que ela compreende o mundo e constitui-se como sujeito, é que fundamentamos nossa proposta de trabalho na perspectiva sócio-histórica do desenvolvimento.

Sabedoras também que o jogo, as interações sociais e a linguagem, são impulsionadores do desenvolvimento humano, na medida em que contribuem na busca de significação e compreensão do mundo, na construção de identidade, na constituição do pensamento e na construção de conhecimento por parte das crianças, é que propomos os pontos acima citados como eixos norteadores de nossa proposta.

Desta forma, estas teorias vêm de encontro aos nossos anseios enquanto educadoras que pretendem refletir sobre quem são as crianças que estão ajudando a formar, buscando entender seu processo de desenvolvimento e o papel das interações destas com parceiros adultos e com outras crianças, considerando, ainda, a importância do ambiente, estruturado por nós educadoras, na construção do conhecimento, da linguagem e da própria criança como sujeito autônomo.

A partir daí, surgiu o nome CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL ESPAÇO ABERTO; espaço este, aberto para que a criança encontre ali um local onde possa ocorrer o seu pleno desenvolvimento.

O ambiente físico tem uma função fundamental nas instituições educacionais, que é o de promover subsídios para que se realizem as explorações e brincadeiras.

Enquanto as ideias se desenvolvem entre as crianças, explicitadas pelo diálogo e negociações, estas percorrem todo o espaço da sala, sempre em direção a algum lugar, nunca aleatoriamente; na medida em que vão brincando, vão definindo usos diferentes dos espaços, cada qual com uma função específica para a brincadeira.

Portanto, temos consciência da importância da necessidade de se ter um espaço físico estruturado de forma criativa, segura, higiênica, com uma configuração visual e espacial propícia ao desenvolvimento da imaginação da criança.

O jogo é uma atividade social, específica e fundamental, que garante a interação e construção de conhecimentos da realidade pelas crianças. Desta forma, o jogo encontra um papel pedagógico importante na escolaridade da criança, enquanto cidadão que vai se desenvolvendo e conhecendo o mundo nesta instituição que se constrói a partir das relações sociais que nela surgem: a partir das diferentes histórias de vida das crianças, dos pais e dos professores que compõem o corpo de usuários da instituição que nela interagem no dia-a-dia.

Ao observarmos crianças na fase pré-escolar (0 - 6 anos), constatamos que, nesta fase de sua vida, as brincadeiras e jogos passam a ser gradativamente sua atividade predominante quando lhes é dada a possibilidade de escolher o que desejam fazer.

“O jogo se desenrola no seio humano e não a sua margem, como algo só da criança. Tanto a esfera dos objetos quanto a esfera da atividade devem estar presentes. É neste espaço que a criança se movimenta: uma realidade muito mais “real” do que fantasiosa, cheia de significações com as quais a criança interage, tentando desvendá-las”. (MACHADO, 1993:96)

Enquanto forma desenvolvida de atividade lúdica, o jogo remete-se a este tipo de atividade ao preservar a presença da imaginação, fantasia e despreocupação.

Através do jogo, a criança penetra no mundo dos adultos e recria situações variadas na vida onde podem vivenciar a realidade e reconstruí-la.

No jogo há uma mistura de vivências que são imaginárias e outras que são reais entre as crianças, onde estas escolhem um tema para desenvolver a brincadeira, com o desejo de aprofundar conhecimentos sobre o mesmo. Na tentativa de realizar este desejo, as crianças jogam durante um determinado tempo, estabelecendo relações lúdicas intercaladas com relações reais, construindo hipóteses e, por fim, elaborando soluções para o problema colocado pelo tema do jogo.

O jogo modifica o sentido, a realidade. Nele as coisas se transformam em outras, os objetos podem adquirir significados diferentes daqueles que possuem normalmente.

Para uma criança muito pequena, é importante separar o campo do significado do campo da percepção visual, uma vez que há uma fusão muito íntima entre o significado e o que é visto. Por exemplo, fazer a criança dizer que está chovendo quando há sol. Isto não faz sentido para ela.

Já na idade pré-escolar, ocorre uma divergência entre estes dois campos (o do significado e o da visão). É neste momento em que o brinquedo passa a ser um estágio de transição entre objeto e significado. No brinquedo, o pensamento está separado dos objetos e a ação surge das ideias e não das coisas. Por exemplo, um cabo de vassoura que a criança faz de cavalo.

Para que o jogo se transforme num recurso pedagógico pré-escolar de construção de conhecimentos pelas crianças, é necessário considerar as brincadeiras que as crianças trazem de casa e que organizam independentemente dos adultos, como ponto fundamental para a proposição de temas e atividades significativas e interessantes.

De acordo com OLIVEIRA, et alii (1993), o jogo permite trabalhar os aspectos cognitivo, emocional e social da criança:

- Cognitivo - os objetos são usados como substitutos de outros, conforme a criança os emprega com gestos e falas adequadas.
- Emocional - através do jogo, a criança revive situações que lhe causaram enorme excitação e alegria ou alguma ansiedade, medo ou raiva, podendo, nesta situação mágica e descontraída, expressar e trabalhar essas emoções muito fortes ou difíceis de suportar.
- Social - na brincadeira infantil, a criança assume e exercita os vários papéis com os quais interage no cotidiano. Nesta situação, a criança reexamina as regras embutidas nos atos sociais, as regulações culturais (a mãe fica em casa enquanto o pai sai para trabalhar). Isso ocorre conforme a criança experimenta vários papéis no brincar e pode verificar as consequências por agir de um ou de outro modo. Com isso, internaliza regras de conduta, desenvolvendo o sistema de valores que orientam seu comportamento.

Segundo VYGOTSKY (1991), o brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal na criança, em que se diferenciam o nível atual em que a criança alcança com a solução de problemas independentes e o nível de desenvolvimento potencial marcados pela colaboração do adulto e pares mais capazes. "No brinquedo, a criança comporta-se de forma mais avançada do que nas atividades da vida real e também aprende a separar objeto e significado". (OLIVEIRA, 1993)

Através do jogo a criança expressa sua necessidade de atividade, sua curiosidade, seu desejo de criar, de ser aceita e protegida, de se unir e conviver com os outros.

Diante dessa realidade, faz-se necessária apontar para o papel do professor na garantia e enriquecimento do jogo como atividade social da infância, pois, da concepção que o educador tem do brincar, nascem suas atitudes frente à brincadeira das crianças: intervir, ensinar, treinar, censurar, extravasar, aprender, observar. Do seu jeito de ver o brinquedo: objeto que ensona, que acalma, que permite o desabafo, que permite criações, que pode ser quebrado, que deve ser preservado, que educa; daí nasce o uso que elas fazem deste material. Daí a importância da formação de educadores nesta área". (ANDRADE, 1994:96)

É aí que o educador tem seu papel fundamental. Ele precisa estar atento e aprender a detectar o conteúdo presente nas brincadeiras das crianças, pois é no faz-de-conta que a criança revela seus interesses.

Cabe ao educador a tarefa de alimentar o imaginário infantil, de forma que as atividades das crianças se enriqueçam, tornando-se mais complexas.

Segundo VYGOTSKY (1991), o jogo é uma forma de ação bastante importante para o convívio social e a atividade construtiva da criança.

Nem sempre as brincadeiras são levadas em conta pelo currículo da pré-escola. E quando o são, aparecem apenas como recreação, pois há uma separação entre o brincar e o aprender.

Cabe aqui revelarmos que, a desatenção das educadoras às brincadeiras livres das crianças tem sido uma constante nas instituições de Educação Infantil. O horário programado para atividades no parque ou pátio parecer ser para elas um momento de “trégua”, e só participam ou interferem quando solicitadas, geralmente quando há alguma briga. “Esta atividade que poderia ser riquíssima em informações sobre a criança e seu universo, é geralmente relegada. Como ela não é programada, estruturada pelos adultos, é vista como menos importante”. (ANDRADE, 1994: 76)

Mas, sabemos que o brinquedo exerce um papel intermediário na relação educador/criança. Ele cria um centro de interesse comum, uma razão de se estar junto. “Transformando-se em jogador, o educador pode se divertir também, ajudar às crianças a compreenderem as regras, mudar o rumo do jogo, alimentar a imaginação. O brinquedo não deixa o adulto de lado: com uma discreta piscada de olhos, ele o convida a se sentar no chão e se divertir na companhia das crianças”. (ANDRADE, 1991:85)

Por este motivo, nos propomos a acompanhar bem de perto as brincadeiras das crianças, sejam elas no parque ou dentro da sala, ficando atentas aos conteúdos presentes nas brincadeiras destas crianças, por vezes interferindo, participando, ensinando brincadeiras que conhecemos, propondo outras e, por vezes, observando.

A intervenção do professor na brincadeira deve ser de forma a ajudar às crianças a descobrirem o que está por trás do jogo, desafiando-as e providenciando materiais e ambiente adequados.

Nos jogos, nos brinquedos, a criança opera com significados desvinculados dos objetos e das ações aos quais estes objetos estão habitualmente

vinculados, participa de atividades onde há alternância de papéis a serem assumidos, aprende a agir numa esfera cognitiva, atendendo as suas necessidades de investigar o real, representá-lo e transformá-lo, reflete sobre sua realidade através das ações, da linguagem e dos sentimentos nela presentes.

A criança “aprende a brincar”. O jogo é aprendido socialmente e por isso faz-se necessário partir dos elementos que a criança vai encontrar no meio em que vive, estruturados pela realidade, para adaptar-se as suas capacidades.

Se a escola não atua positivamente, garantindo possibilidades para o desenvolvimento do jogo, ela, ao contrário, age negativamente, impedindo que este aconteça.

O jogo pode ser aceito ou não dentro da sala de aula, conforme a visão que o adulto tenha de criança e de instituição de educação infantil. Se ele vê a criança como um ser que deve ser disciplinado para a aquisição de conhecimentos e habilidades em instituições de ensino acadêmico, o jogo não é aceito, mas transforma-se em um meio para a aquisição, por parte das crianças, destes conhecimentos e habilidades, não tendo, desta forma, um fim em si mesmo.

Por outro lado, se ele concilia a tarefa de educar com a necessidade que a criança tem de brincar, surge o jogo educativo, um meio de instrução, um recurso de ensino para o professor e, ao mesmo tempo, um fim em si mesmo para a criança que só quer brincar.

Em geral, a importância que o jogo assume na educação formal é dada devido a seu papel no desenvolvimento infantil.

É importante decifrar o significado dos brinquedos para a criança; entender o porquê de suas atitudes frente a eles, como por exemplo: a quebra de um brinquedo pela criança pode ter diversos significados, ela pode estar tentando saciar uma curiosidade natural; pode estar tentando exprimir sua agressividade e pulsões latentes; pode encontrar sua propriedade e desfazer-se dela e através disto tudo, evoluir para a atitude mais refletida na próxima vez. O abandono de um objeto em um canto é outro exemplo que, apesar de aparentar ter sido desprezado poderia estar marcando um território.

O jogo, sendo um recurso que a criança utiliza para pensar sobre si mesma, o outro e o mundo, é revelador de conteúdos importantes. Essa característica cria, então, a possibilidade de, na educação o jogo poder ser utilizado como um valioso recurso de ensino.

O jogo pode se tornar um recurso pedagógico desde que não seja imposto e sim escolhido pela criança.

Acreditamos que a pré-escola, organizada em torno do jogo infantil, construído pelas crianças, poderá cumprir sua função pedagógica, ampliando o repertório vivencial e de conhecimentos das crianças, rumo a autonomia e à cooperação.

Sendo assim, a promoção de atividades que favoreçam o desenvolvimento da criança em brincadeiras, principalmente aquelas que promovem a criação de situações imaginárias, têm nítida função pedagógica. A escola e, particularmente, a pré-escola, poderiam se utilizar deliberadamente destes tipos de situação para atuar no processo de desenvolvimento das crianças.

É importante ressaltar a relação da brincadeira com as interações sociais existente entre crianças e adultos.

Toda criança nasce inserida em determinada classe social e a construção da sua personalidade se faz a partir das relações sociais que ela estabelece.

Isto significa que não existe uma criança abstrata, universal, mas crianças que têm um passado histórico e que vivem um momento cognitivo que deve ser respeitado.

Desta forma, quando a criança chega à pré-escola, traz consigo as marcas de suas condições de existência, isto é, a cultura própria do grupo em que vive, presente em seus hábitos, costumes e valores.

A pré-escola deve então propiciar a troca de experiência, a interação entre as crianças, considerando o que já sabem, fazendo disso a ponte para o saber sistematizado e produzido socialmente.

A importância das interações sociais para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças é algo que vem sendo, há muito tempo, ressaltado pela Psicologia.

À medida em que o homem se relaciona, ele não só incorpora os conhecimentos, como também os transforma, amplia e amadurece. Ou seja, a história se constrói pela própria relação humana, perpassando os tempos e sofrendo transformações pelas relações do próprio homem.

As trocas entre parceiros - adulto/criança e criança/criança - são não só valorizadas como incentivadas na medida em que resultam, na experiência humana, em conhecimento do outro e em conhecimentos construídos com os outros.

“A criança constrói, assim, conhecimentos conforme estabelece relações que organizam e explicam o mundo. Isso envolve assimilar aspectos dessa realidade, apropriando-se de interações com outras pessoas e objetos, modificando sua forma de agir e sentir”. (OLIVEIRA, 1993:51)

A interação com o outro - seja ele um adulto ou uma criança mais experiente - adquire, assim, um caráter estruturante na construção do conhecimento, na medida em que fornece, além da dimensão afetiva, desafio e apoio para a atividade cognitiva. A interação social atua, desta forma, sobre a zona de desenvolvimento potencial, fazendo com que processos maturacionais em andamento venham a se completar, fornecendo novas bases para novas aprendizagens.

Acreditamos, desta forma, que o valor das interações sociais na escola torna-se um dos aspectos a serem considerados pelo educador. Para assegurar a construção do saber escolar, é necessário, conseqüentemente, que se favoreçam determinados tipos de interações sociais, uma vez que nada garante que elas surjam de forma espontânea ou natural, no cotidiano da instituição.

A vertente sócio-interacionista, ao abordar a questão do conhecimento parte do princípio de que, dificilmente, as crianças são iguais, pois as informações disponíveis a cada uma são distintas, as estratégias de pensamento e ação, bem como os recursos utilizados, são diferentes. Esta diversidade que caracteriza a diferença entre os indivíduos de um certo grupo, é tida como fundamental para a própria interação social que irá se dar em sala de aula: sem esta desigualdade não seria possível a troca, e, conseqüentemente, o alargamento das capacidades cognitivas pelo esforço partilhado, na busca de soluções comuns.

A interação com outra criança é, desde muito cedo, uma atividade de alta prioridade motivacional, tanto em contraste com a interação com objetos como com a interação com adultos.

A interação criança-criança é um sistema socioafetivo que tem um significado relevante no processo de desenvolvimento. Reconhece-se cada

vez mais, a ocorrência, na interação criança-criança, de processos constitutivos da identidade, da capacidade simbólica, da comunicação. Interagindo, as crianças criam e negociam regras, assumem e atribuem papéis, elaboram códigos comunicativos e partilham significados e conhecimentos. Pode-se dizer que, na interação e nas relações entre si, as crianças exercem a capacidade humana de transmissão e criação de cultura, e, através dela, repetem e renovam o processo de constituição do ser humano como indivíduo e como membro do grupo.

Percebemos que, muitas vezes, os educadores tentam a subestimar a capacidade das crianças e acabam não realizando com elas atividades que poderiam ser muito ricas para seu desenvolvimento. É frequente, também, ver um adulto dando uma “mãozinha” no trabalho das crianças visando a perfeição deste.

Para que isto não aconteça, acreditamos que o educador deve estar sempre atento em observar o nível de desenvolvimento maturacional já alcançado pelas crianças, tomando como base aquilo que elas já conseguem realizar sozinhas, e tendo em vista a necessidade de se considerara um outro nível de desenvolvimento, ou seja, aquele que se refere ao que a criança pode realizar com a ajuda dos adultos ou pessoas mais experientes. Tendo consciência desta Zona de Desenvolvimento Proximal, o educador poderá, através de “problemas e desafios”, auxiliar à criança, possibilitando que ela supere essa fase e com isso chegue a um desenvolvimento real.

Desta forma, caberá a nós educadores, propiciar a interação entre as crianças, buscando interagir conscientemente, objetivando o avanço qualitativo no aprendizado delas.

A aprendizagem da criança começa muito antes da aprendizagem escolar. A aprendizagem escolar nunca parte do zero, portanto, toda a aprendizagem da criança na escola tem uma pré-história.

A aprendizagem e desenvolvimento não entram em contato pela primeira vez na idade escolar, mas estão ligados entre si desde os primeiros dias de vida da criança. Ainda que diretamente ligados, nunca se produzem de modo sincrético e paralelo. O desenvolvimento da criança não acompanha nunca a aprendizagem escolar, como uma sombra acompanha o objeto que a projeta. Existe uma dependência recíproca, extremamente complexa e dinâmica, entre estes dois processos.

Como já dizia VYGOTSKY, “a aprendizagem desperta processos internos que só podem ocorrer quando o indivíduo interage com outras pessoas.

A aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento desde o nascimento da criança.

A linguagem, da mesma forma que o ambiente físico, o brincar e as interações, assume grande importância na promoção do desenvolvimento infantil.

O uso da linguagem é um hábito natural de todos nós, e sua importância é incontestável, já que ela está presente em todo momento e em todo lugar em nossa vida.

Ela surge, principalmente, a partir da necessidade da criança de se comunicar, inicialmente com a mãe e, mais tarde, com as demais pessoas do seu ambiente.

É justamente no período que vai do nascimento até a idade pré-escolar que ocorrem os mais extraordinários avanços na fala da criança, pois sua fala vai sendo confrontada com frases gramaticalmente completas, ou seja, com o modelo de linguagem usado por nós e a partir daí, a criança vai construindo hipóteses sobre o uso de sua língua. É, então, através destas trocas verbais, que a criança começa a construir a sua própria linguagem.

À medida em que o conhecimento da criança sobre a linguagem vai aumentando, ela começa a utilizá-lo não somente como um meio de se comunicar com as outras pessoas, mas também para suas próprias finalidades, como pensar, sentir, planejar uma ação, resolver uma situação, um problema, etc.

Embora pensamento e linguagem sejam aspectos distintos do ser humano, é impossível negar a influência que um acaba tendo sobre o outro. A linguagem organiza o pensamento da criança; ela permite que a criança entre em confronto com pontos de vista diferentes dos seus. Através da linguagem, a criança pode perceber que as outras pessoas nem sempre pensam igual a ela, e isto é fundamental para estimular o desenvolvimento do seu pensamento.

Apesar de toda criança ser capaz de aprender a falar, é evidente que os estímulos verbais existentes no seu ambiente contribuem de forma decisiva para o tipo de fala que ela é capaz de manifestar. Isto nos aponta para o papel predominante das interações verbais no desenvolvimento da

linguagem das crianças. É conversando com as crianças em vez de somente fazer-lhes perguntas para serem respondidas ou de dar instruções para serem seguidas; é incentivando as conversas entre elas, no lugar de pregar o silêncio, é valorizando suas formas de expressão, que estaremos possibilitando a construção e ampliação da linguagem delas. Valorizando a voz e a vez de falar destas crianças, estaremos contribuindo para que elas tornem-se capazes de produzir uma linguagem criativa, que fale do seu mundo e que sirva não só para compreender esse mundo, mas também, para transformá-lo.

Mas, segundo KRAMER (1986), uma prática pedagógica que pretenda favorecer a construção de uma linguagem infantil rica, forte e confiante, deve partir do princípio de que nem todas as crianças utilizam a linguagem da mesma forma e que há várias formas de linguagem igualmente complexas e importantes do ponto de vista linguístico.

Partindo do princípio de que a linguagem de algumas crianças é diferente daquela considerada como sendo o modelo "correto", muitos professores deixam de valorizar as variadas formas de expressão verbal dessas crianças e discriminam sua linguagem, por achá-la "errada", "fraca", "pobre". Corrigir a linguagem da criança, antes de garantir que ela tenha confiança nas suas possibilidades de falar, faz com que ela se cale, bloqueie sua expressão e enfraqueça o seu poder de comunicação. Por isso, o ponto de partida para se garantir o acesso de todas as crianças à linguagem considerada "correta" é aceitar a linguagem delas como é, reconhecê-la como manifestação linguística legítima e digna.

As crianças têm direito de se expressar, utilizando as construções verbais e escritas aprendidas no seu meio social. Elas têm direito, também, de dominar a língua padrão e de aprender em que situações ela deve ser usada - e isso é o que devemos ensinar-lhes, esse é o nosso papel. Antes de insistir sobre os "erros" ou "acertos" das crianças, devemos dar chance a elas de falarem, pedirem, reclamarem, reivindicarem, contarem seus sonhos, seus projetos, sua luta, sua vida, enfim:

"Ao contrário do que muitos pensam, a alfabetização é um processo que começa bem antes de a criança ingressar na escola ou mesmo na pré-escola. A criança entra em contato naturalmente com o mundo da escrita. A palavra escrita está por toda parte, e as crianças, principalmente as que moram na

cidade, convivem com os mais variados escritos: são os letreiros luminosos nas avenidas, as propagandas na televisão, as embalagens dos alimentos, os avisos nas ruas, os jornais, as revistas, os números e nomes de ônibus, etc. A criança de classe média tem uma vantagem a mais, pois assiste, no seu dia-a-dia, a atos de leitura que, na maioria das vezes, não são dirigidos a ela, mas que a informam sobre a função social da escrita. Em geral, em casa, os pais lêem o jornal e comentam as notícias, anotam recados pelo telefone, escrevem bilhetes, escrevem e recebem cartas, utilizam receitas para preparar alimentos e assim por diante". (SOUZA, 1989:23)

As crianças expressam sua visão de linguagem escrita de acordo com suas experiências. Se no seu ambiente familiar existem muitos tipos de materiais gráficos, a criança tem mais oportunidades de descobrir o significado da língua escrita através do uso espontâneo que se faz dela. Por outro lado, isto não acontece se estas oportunidades são escassas.

Diante disto, nós educadores, temos o compromisso de criar nesta pré-escola, um ambiente bastante rico nos mais variados tipos de materiais escritos, incentivando a criança a ter curiosidade em relação a estes. Livros, revistas, jornais, embalagens, bulas de remédios, cartas, bilhetes serão trazidos para a pré-escola para serem manuseados e explorados pelas crianças. Elas próprias, sendo estimuladas, poderão descobrir para que serve cada tipo de material e as informações que cada um traz. Nesta atividade, ao mesmo tempo em que a criança vai tomando conhecimento sobre tudo o que já sabe sobre estes materiais impressos e, conhecendo o que a criança já sabe sobre a escrita, podemos ter outras ideias interessantes para mantê-la curiosa e motivada para descobrir e dominar cada vez melhor o seu processo de alfabetização.

"Para conquistar o mundo da escrita, é preciso compreender o seu significado, para então, depois, dominar os seus mecanismos. O que chamamos hoje de preparação para a aprendizagem da leitura e da escrita depende muito mais das oportunidades que a criança tem de conviver com este tipo de comunicação social do que fazer exercícios para treinar habilidades motoras e de discriminações perceptivas e auditivas. Não negamos que essas habilidades sejam também importantes, mas hoje, podemos afirmar que elas não são, com certeza, nem as mais importantes nem as únicas responsáveis pelo sucesso na alfabetização. Estar preparado

para aprender a ler e a escrever é muito mais do que discriminar sons e reconhecer letras"... "A criança tem que dominar todo um conjunto de informações que lhe permitem perceber a escrita como uma outra maneira de representar os significados das coisas e das suas ideias". (SOUZA, 1989:22)

A literatura infantil tem duas credenciais básicas para ser um caminho que poderá conduzir a criança, de forma muito eficaz, ao mundo da escrita. Uma, porque se prende, geralmente, a conteúdos que são do interesse das crianças; outra, porque, através desses conteúdos, ela poderá despertar a atenção da criança para as características sintático-semânticas da língua escrita e para as relações existentes entre a forma linguística e a representação gráfica.

Cabe ao educador oferecer oportunidades para a criança de estar constantemente em contato com a língua escrita, de uma maneira divertida, interessante e adequada ao seu nível de compreensão, para que este processo se dê de uma forma mais efetiva, proveitosa e prazerosa para a criança.

Uma das oportunidades que pensamos ser bastante significativa para o desenvolvimento da linguagem e da alfabetização é a utilização de histórias em sala de aula, sejam elas contadas ou lidas pelo educador, contadas pelas crianças, dramatizadas, escritas, desenhadas..., pois a partir delas as crianças têm oportunidade de ampliar seus conhecimentos e desenvolver a linguagem oral e escrita, diferenciando as duas formas.

Para tanto, é necessário oferecer um ambiente propício para que a criança observe e aprenda. Um ambiente propício significa deixar que entrem na sala materiais como: revistas, cartazes, calendários, logotipos, jornais, álbuns e, principalmente, livros de história.

A criação de histórias pelas crianças também será incentivada pelo educador, no intuito de fazer com que a criança se sinta valorizada e perceba o significado da escrita e sua função.

"As histórias criadas pelas crianças quando fazem um desenho ou jogo dramático, permitem que elas expressem seus sentimentos por meio da linguagem oral. Por outro lado, quando uma criança cria uma história e faz um livro, está dando os primeiros passos para se expressar por meio da linguagem escrita". (SANTORO, 1989:30)

Ressaltamos então nosso papel de educadoras neste momento, enquanto sujeitos que fornecerão subsídios às crianças na ampliação de seus conhecimentos, na perspectiva de possibilitar a elas que conheçam e, a partir daí, transformem sua realidade num processo de desenvolvimento constante.

A união do pensamento, da linguagem oral e escrita, constituem o todo deste ser que evolui social e historicamente. A língua escrita, enquanto forma de comunicação, resgate histórico e interação universal, é um dos instrumentos que possibilitará ao homem ser sujeito de seu processo de aprendizagem, força esta que nos impulsiona para uma sociedade mais justa, pois possibilita ao homem, pensar, negar e transformar.

Plano didático

Um projeto pedagógico, para surtir os efeitos desejados, necessita de um planejamento com raízes bem fundamentadas.

A organização do planejamento escolar e das metodologias de trabalho são os pontos chaves e fundamentais para que o trabalho se realize de forma significativa.

Ao se trabalhar com a criança, é importante que as atividades sejam significativas para ela, partindo do seu contexto social, do seu nível de desenvolvimento, buscando, assim, a construção do seu conhecimento e sua ampliação.

Nesse processo de construção do conhecimento, o professor deve propiciar à criança, oportunidades para que ela desenvolva a sua autonomia, autoconfiança e o seu espírito de crítica. E isto só será possível com atitudes coerentes com a proposta de trabalho.

Pretendemos estar em constante reflexão de nossa prática pedagógica. Para tanto, propomos os seguintes objetivos:

Introduzir o jogo na educação infantil, enquanto instrumento que possibilite à criança o conhecimento de si própria, do mundo e dos outros, em suas relações recíprocas através de atividades coletivas que permitem desenvolver aspectos emocionais, físicos e psíquicos, bem como trabalhar as normas sociais de comportamento.

Estruturar o ambiente físico de tal forma que este promova subsídios para que nele se realizem as explorações e brincadeiras, fornecendo, para tanto, materiais (industrializados ou não), que estejam sempre à disposição das crianças; que as auxiliem neste processo e que favoreçam a descoberta e a criação de significados pelas crianças.

Planejar a aula de modo a permitir uma intervenção, organizada e intencional, promovendo a ampliação e construção do conhecimento.

Propiciar encontros coletivos do grupo, em forma de brincadeiras, trabalhos em grupos, desencadeando, a partir daí, atividades significativas que favoreçam a construção da identidade coletiva e individual.

Destacar a importância da linguagem enquanto privilégio da raça humana, instrumento que distingue os grupos, costumes, cultura e regras sociais, levando o indivíduo à formação de conceitos cada vez mais amplos e significativos na perspectiva de auto construir-se num processo social e histórico, sob forma de contato com jornais, revistas, livros, figuras, desenhos, etc.

O trabalho será desenvolvido a partir de projetos de trabalho, para que não seja necessário adotarmos um currículo de atividades.

Tais projetos irão surgindo a partir dos interesses específicos que as crianças manifestam, bem como de seus conhecimentos acumulados historicamente, a partir dos valores advindos de sua comunidade.

Assim, estaríamos realizando uma articulação no trabalho pedagógico com a realidade sociocultural das crianças.

Os trabalhos seriam realizados em conjunto, pois os conhecimentos vão sendo coletivamente construídos, ao mesmo tempo em que serão respeitados os interesses individuais de cada criança e seus ritmos diversificados de trabalho.

Os projetos poderão ser propostos pelos professores, ou detectados no grupo, ou sugeridos explicitamente pelas crianças. Desta forma, eles não se identificam com aulas expositivas tradicionais, pois não são assuntos apresentados ou demonstrados pelos professores à turma, mas pelo contrário, são fios condutores e geradores de atividades infantis. Paralelamente, estes temas não se identificam com as atividades realizadas em torno de "centros de interesse", pois, ao contrário destes, procuram ampliar o horizonte da investigação e da aprendizagem infantil, explorando

os fatores culturais e sociais envolvidos, tanto no ponto de partida (ou seja, na escolha dos temas), quanto no seu desenvolvimento. Estes temas integrarão as diversas áreas de conhecimento (língua portuguesa, matemática, ciências sociais e naturais), de maneira a possibilitar uma visão de totalidade à criança, superando a fragmentação e a justaposição de informações sem sentido. O conhecimento é, portanto, trabalhado de forma viva e dinâmica, sempre em movimento e transformação, e o entusiasmo por este conhecimento e o prazer de aprender, conhecer e descobrir e intercambiar são, assim, marca vital desta proposta.

Para a concretização deste projeto, são necessárias condições básicas que garantam formas estruturadas de organização e aproveitamento do espaço e do tempo disponíveis, tendo em vista os objetivos propostos, pois não acreditamos que hajam tempos ou espaços ideais ou modelos a serem indistintamente seguidos.

Desta forma, vemos a importância de se estabelecer também uma rotina no planejamento do educador, que deve estar presente não de forma rígida, estabelecida cronologicamente, mas como forma de organização do tempo das atividades diárias. Para tanto, deve ser flexível o bastante para permitir que a rotina de algum dia seja quebrada, visto que possam surgir novas propostas de ação pelos alunos ou pelo próprio educador.

Acompanhamento e avaliação do desenvolvimento biopsicossocial das crianças

A avaliação deve ser um processo contínuo que tenha como objetivo tanto a aprendizagem do aluno quanto o trabalho do professor.

As formas de avaliação têm sido desenvolvidas com uma certa falta de sistematização (quando não se tem objetivos claros e conteúdos definidos) ou vista como uma posição de controle de rendimento do aluno ao se valorizar a preparação para o primeiro grau.

Assim, pretendemos superar as formas de avaliação ultrapassadas, fundamentando-nos da ideia de que avaliar significa analisar até que ponto

o percurso está sendo traçado no caminho dos objetivos propostos como ponto de chegada, para que se possa criticar e fazer as transformações necessárias no processo pedagógico.

A avaliação no processo pedagógico envolve:

- o aluno - seu desenvolvimento e seus conhecimentos;
- o professor - suas dificuldades e seus bons resultados;
- a escola - sua estrutura e seu funcionamento.

A avaliação deve apoiar-se em estratégias que possam fornecer subsídios necessários para a consolidação ou transformação dos procedimentos pedagógicos.

Realizaremos a avaliação trimestralmente, onde será realizada a descrição e discussão do desenvolvimento da criança sempre com a participação dos pais.

Interação entre família e escola

A educação infantil tem um papel importante na sociedade, pois estamos contribuindo para a formação da criança, cidadão participante do contexto social.

Nossa proposta é de estabelecer uma relação escola-família-comunidade, visa a fazer com que os pais tenham acesso à proposta de trabalho que está sendo desenvolvida pela escola. Pretendemos abrir espaço para que a família e a comunidade possam discutí-la com a equipe, garantindo, assim, uma educação mais democrática.

Este trabalho conjunto favorece e complementa o trabalho realizado na escola com as crianças na medida em que se possibilita que se conheça seus contextos de vida, os costumes e valores culturais de suas famílias, e as diferenças ou semelhanças existentes entre elas ou em relação à proposta.

Como pretendemos com nossa proposta levar em consideração a realidade social e cultural das crianças, como um dos alicerces básicos para que ocorra o desenvolvimento, entendemos a relação escola-família-comunidade em sua dimensão social, respeitando os modos de agir e pensar dos pais, valorizando seus costumes e tradições e, simultaneamente,

explicitando nossas metas, atitudes e prioridades educacionais, visando o melhor conhecimento das crianças e uma maior qualidade para o trabalho pedagógico.

Para tanto, serão realizados:

- entrevista no primeiro dia de aula com os pais a fim de possibilitar o conhecimento do contexto de vida das crianças, suas atividades fora da escola e sua situação socioeconômica (os dados serão registrados na ficha da criança).
- encontros trimestrais com os pais para avaliação do desenvolvimento da criança (individual e/ou em grupo).
- reuniões quinzenais com a equipe da escola, para discussão da proposta de trabalho.
- realização de exposições dos trabalhos das crianças e reuniões informais, festas e eventos de confraternização como forma de integração da escola, família e comunidade, contatos diários na porta da sala e contatos via ClipEscola (nossa agenda eletrônica), sendo a escola sempre muito aberta para receber as famílias.

Atendimento à saúde e à nutrição das crianças

O Centro de Educação Infantil Espaço Aberto preocupa-se com o desenvolvimento harmônico e integral da criança.

A Organização Mundial da Saúde define saúde como sendo o estado de bem-estar físico, psíquico e social.

Cientes e conscientes de que o crescimento e desenvolvimento deva ser desta forma, procuraremos suprir as necessidades básicas da criança, interagindo a saúde com a educação.

Reconhecemos ainda, a importância de se efetuar uma ação preventiva, que deverá ser realizada em procedimentos higiênicos e educativos.

Com estes cuidados e atenção, estaremos convencidos de que não apenas estaremos contribuindo para a formação integral de nossas crianças, como auxiliando na formação também de uma consciência crítica da real função

do educador, que é de proporcionar um crescimento harmônico, integral e perfeito do indivíduo no seu todo e da sociedade, que deve dispensar uma maior atenção aos cuidados preventivos que aos curativos.

Atualização, capacitação e aperfeiçoamentos dos recursos humanos

Sabedoras de que um trabalho de qualidade só se efetiva a partir do momento em que o professor, consciente do seu papel e da importância da Educação Infantil, busque constantemente fundamentar a sua ação, através da busca da sua autocapacitação, do planejamento do seu trabalho e de uma avaliação constante desta prática, é que acreditamos que nossas ideias devem acompanhar os avanços e as exigências da sociedade atual.

É necessário estarmos constantemente encaminhando cursos e palestras de atualização e aperfeiçoamento de nossa equipe de trabalho, bem como realizando reuniões pedagógicas e grupos de estudo quinzenais com a equipe de educadores para que seja realizado o acompanhamento, avaliação, discussão do trabalho pedagógico e troca de saberes.

Faz-se necessário, então, que se abra um espaço para que os educadores manifestem suas opiniões, dúvidas, sugestões e inquietações.

Desta forma, pretendemos garantir a educadores e educandos um trabalho de qualidade.

Inclusão e acessibilidade

Nossa escola busca adaptar-se a esta realidade, dando oportunidade de as crianças desenvolverem ao máximo suas potencialidades.

Já atendemos crianças com necessidades especiais educacionais, todavia ainda não temos total acessibilidade garantida com recursos pedagógicos que proporcionem condições de aprendizagem.

Contamos por enquanto com a ajuda das famílias para este fim caso necessário.

Segundo Vygotsky, "crianças em diferentes momentos de desenvolvimento e interação, produzem e provocam o aprendizado entre si, todos tem suas particularidades e, percebendo as nossas diferenças e a dos outros passamos a ter um olhar mais generoso".